



LEITURA NA ERA DIGITAL: O USO MASSIVO DA INTERNET PODE AFETAR A COMPREENSÃO DE TEXTOS?

Melina Borges Omitto [*]

SOUZA, J. Aspectos da leitura na era digital: como as novas tecnologias podem afetar nossa capacidade de compreender textos. Curitiba: Appris, 2020.

“Não há como pensar em cidadania sem passar pela questão da autonomia na leitura, que é ainda a maior forma de acesso a notícias, ideias e ideologias, sobretudo em um ambiente como a internet, democrática por definição e com uma profusão de informações e discursos ideológicos nunca antes vista” (SOUZA, 2020, p. 86).

Joana de Souza, jovem pesquisadora da área de linguagem e cognição, graduada em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Psicolinguística Experimental e doutoranda da UFF, declara-se uma apaixonada pela leitura e pela escrita, e destaca que “A leitura, antes de mais nada, está profundamente vinculada às experiências passadas do indivíduo e a elas se incorpora, reverberando por sua vivência posterior” (SOUZA, 2020, p. 34). Assim, compreende a leitura como um processo de alta complexidade, capaz de estabelecer relações com as vivências dos sujeitos antes e após o ato de ler.

Neste livro, a autora busca apresentar não somente uma descrição e interpretação da leitura na era digital, mas dados empíricos de como o uso massivo da internet pode prejudicar a compreensão de textos dos estudantes e afetar suas habilidades de atenção e concentração. Para tanto, analisa as implicações da leitura em meios impressos e digitais em dois grupos, os nativos e os imigrantes digitais. Nesta perspectiva, procura aproximar duas áreas do conhecimento: a psicolinguística experimental e a educação. Direciona, portanto, esta obra para profissionais das áreas afins, mas não só isto, indica para todos que se interessam pelo tema da leitura e das novas tecnologias.



Primeiramente, Souza (2020) apresenta os alarmantes índices do Indicador de Analfabetismo Funcional de 2018 - cerca de 29% da população brasileira são analfabetos funcionais, ou seja, não são capazes de ler, localizar informações explícitas nem tampouco interpretar textos simples. Destaca ainda que 88% dos brasileiros considerados funcionalmente alfabetizados não são proficientes em leitura; compreendendo a leitura não apenas como um fenômeno cognitivo, mas como uma prática social, como esperar autonomia e criticidade destes indivíduos no que tange às competências necessárias ao manejo das redes sociais e avaliação da objetividade das informações que circulam no ciberespaço?

O capítulo *A era digital e as práticas de leitura* apresenta uma revisão de literatura que perpassa os estudos da área da linguagem, partindo da premissa de que a leitura é uma atividade aprendida pelo nosso cérebro e que quando lemos nosso cérebro é modificado permanentemente. Destaca ainda que o ato de ler é permeado por etapas complexas tais como a motivação, pré-leitura, movimentos oculares, decodificação, atribuição de sentidos, interpretação e retenção. Além disso, são abordados aspectos teóricos sobre o aumento no uso das tecnologias no Brasil, abarcando todas as camadas sociais e faixas etárias; todavia, somos levados a direcionar nosso olhar para aqueles que Prensky (2001) chama de “nativos digitais”: indivíduos que desde o nascimento estão expostos aos meios digitais.

Tanto a comunidade científica quanto a mídia têm demonstrado crescente interesse em investigar os impactos do uso exacerbado da internet pelos nativos digitais por estarem em estágio de desenvolvimento da cognição e da personalidade. Quando expostos ao uso exagerado da internet, estas crianças e adolescentes tendem a produzir uma leitura fragmentada, superficial, com ativações mais fracas dos esquemas mentais, pois na rede há muita informação e não é possível se apropriar de tudo, nem tampouco reter todo conteúdo disponível. Ademais, acredita-se este excesso seja capaz de influenciar as etapas da motivação, pré-leitura, atribuição de sentidos, interpretação e retenção dos usuários.

No capítulo *Neuroplasticidade, memória e concentração* são tratadas as questões neurológicas subjacentes a capacidade leitora dos indivíduos, bem como o papel da memória e da concentração na leitura. Aponta que pesquisas recentes referentes ao comportamento do cérebro humano dizem que quando lemos textos impressos e quando lemos em meios digitais nosso cérebro se comporta de forma diferente. Ao ler em ambientes digitais, há modificações



físicas que resultam da capacidade que os neurônios possuem de alterar suas conexões a partir das experiências, estímulos e pensamentos dos sujeitos, conhecida como neuroplasticidade.

A autora relata, a partir dos estudos de Carr, Small e Gardner (2013), que a superexposição à internet tem desencadeado a diminuição da capacidade de concentração, memorização e reflexão. Tal fato deve-se à multiplicidade de tarefas demandadas pelo ambiente virtual, que dificultam o foco e levam o sujeito à dispersão, desviando-o da leitura inicial. Leitura esta que se torna fragmentada e incapaz de gerar aprendizagens e compreensões mais densas. A memória, no que lhe concerne, possui papel fundamental na etapa da retenção de informações, fica sobrecarregada e passa a apresentar falhas. Pontua que “Isso não significa que devemos frear os avanços tecnológicos, mas devemos pensar em formas de não prejudicar nossa memória” (SOUZA, 2020, p. 61); defende, portanto, o equilíbrio entre leituras digitais e impressas visando fortalecer o cérebro e a cognição.

Por fim, dedica-se no capítulo *Estudo Experimental*, ao detalhamento dos processos investigativos para verificação das possíveis dificuldades na compreensão de textos (digitais e impressos) por dois grupos distintos, os nativos e os imigrantes digitais. Além disso, buscou comparar as capacidades de memorização e concentração em ambos os grupos. Para tanto, lançou mão do Teste de Cloze (TAYLOR, 1953), cujo intuito consiste em medir o nível de compreensibilidade dos leitores a partir do preenchimento das lacunas presentes no texto de forma adequada, “Assim, quanto mais lacunas forem preenchidas corretamente, de acordo com os critérios de coesão e coerência, maior será o score do participante no que se refere à compreensão” (SOUZA, 2020, p. 65).

Os sujeitos da pesquisa foram 122 alunos, estudantes do Ensino Superior na Universidade Federal Fluminense, subdivididos em dois grupos: maiores de 40 anos e menores de 25 anos. Foi solicitado que lessem um texto longo na tela, texto longo no papel, texto curto na tela e texto curto no papel e como resultado foi evidenciado um desempenho superior dos participantes na leitura em papel, o que pode indicar que ler em meios digitais afeta nossa capacidade de compreender textos e refuta a hipótese inicial da pesquisadora de que os nativos digitais se sairiam melhor na leitura na tela. Ao analisar a capacidade de memorização, identificou que no teste os imigrantes digitais tiveram resultados muito superiores no papel enquanto os nativos apresentaram desempenho levemente superior no



papel, o que a levou a indagar: Com o passar do tempo as alterações e prejuízos da leitura e da compreensão de textos em meios digitais serão cada vez menores? E conclui afirmando que apenas novas pesquisas serão capazes de responder tal questionamento.

Souza encaminha o encerramento seu livro convocando os estudantes e pesquisadores de graduação e da pós-graduação das áreas da educação, neurociências, comunicação e linguística a juntar suas vozes na luta contra o analfabetismo funcional, buscando a formação de leitores críticos, capazes de exercer sua cidadania, independentemente dos meios e suportes que utilizem, pois não há como atuar e buscar transformação social, sem necessariamente adquirir competências leitoras voltadas à autonomia e reflexão.

Obra bem estruturada, que discute, por meio de linguagem clara e objetiva, as possíveis implicações da leitura em meios impressos e digitais por nativos e imigrantes digitais, verificando capacidades de concentração e atenção dos mesmos, mas não só isto, traz luz para os que se interessam pela questão do ensino da leitura e das tecnologias de comunicação e informação sobre os desafios de educar crianças e adolescentes na era digital.

REFERÊNCIAS

CARR, N. A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

GARDNER, H. The App Generation: How today's youth navigate identity, intimacy, and imagination in a digital world. New Haven: Yale UP, 2013.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a). Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em 19/Maio/2023.

SMALL G. W. iLbrain: surviving the technological alteration of the modern mind. New York: Harper, 2009.

SOUZA, J. Aspectos da leitura na era digital: como as novas tecnologias podem afetar nossa capacidade de compreender textos. Curitiba: Appris, 2020.

TAYLOR, W. L. Cloze Readability Scores as Indices of Individuals Differences in Comprehension and Aptitude. *Journal of Applied Psychology*, 1957.



RTE REVISTA
TEMAS EM
EDUCAÇÃO

ISSN
VERSÃO IMPRESSA: 0104-2777
VERSÃO ONLINE: 2359-7003



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2024v33n1.66536

Melina Borges Omitto
**Leitura na era digital: o uso massivo da internet
pode afetar a compreensão de textos?**

SOBRE A AUTORIA:
[*] Doutoranda em Educação, pela Universidade de São Paulo (USP). ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-9892-9795> E-mail: melinaomitto@gmail.com

Submetido em: 28 de abril de 2023.
Aprovado em: 06 de dezembro de 2023.
Publicado em: dezembro de 2023.